

Fotografias indígenas e não-indígenas

Sarah Corona Berkin

Mostrar a face, aparecer no espaço público, participar da comunicação dialógica são conceitos que implicam a presença de, pelo menos, duas identidades distintas, dois outros, dois diversos em um mesmo espaço comum com algum objetivo compartilhado. Quando esses outros são, por um lado, indígenas, e, por outro, não-indígenas, muitas vezes se colocam obstáculos para o diálogo. Proponho falar de uma dimensão extra-discursiva que também permeia a interação entre indígenas e não-indígenas e a possibilidade de construir diálogo entre eles. Refiro-me à face que mostram as fotografias realizadas por fotógrafos não-indígenas em comparação com a face que mostram as fotografias que feitas de si mesmos por indígenas.

As fotografias nos permitem observar os estilos de comportamento perceptíveis visualmente. Neste caso, a fotografia sobre indígenas nos mostra um entendimento ideal de como se vêem e de como se relacionam conosco, com as coisas, com os espaços, enfim, quais são as regras dos rituais de interação social entre indígenas e não-indígenas.

Certamente, as fotografias indígenas realizadas por fotógrafos não-indígenas não são a única face que têm os indígenas e muito menos eles querem ser reconhecidos no espaço público a partir delas. Porém, as cuidadosas tomadas dos fotógrafos não-indígenas nos permitem observar uma espécie de encenação das encenações sociais que acontecem todos os dias entre estes dois grupos sociais.

As fotografias realizadas por fotógrafos não-indígenas têm uma característica comum: o indígena representa o personagem do indigente. As fotografias do

indígena indigente evocam o diferente, o não-belo, porém sua forma estética nos relaxa, orienta e ajuda-nos a superar qualquer sentimento nefasto. O narcisismo do homem moderno não lhe permite ver outra coisa além de si mesmo em todo lugar.

O ser humano tem necessidade do outro para recriar sua identidade. No âmbito da cultura, como no da subjetividades, o olhar exterior é um mecanismo poderoso da compreensão. É no exterior, e somente na relação eu/tu, que dá existência ao ser humano. A pessoa se constrói graças ao que diz “sou eu”, sempre em contraste a um “tu”.

As fotografias dos indígenas, feitas por eles mesmos, são uma forma de dizer “sou eu” em oposição ao “és tu” ou ao “assim me vê”. Negamos existência ao indígena ao não estabelecer essa relação e ao continuar fotografando-o numa espécie de terceira pessoa: “este é ele”.

Uma política da imagem indígena deverá tocar pelo menos estes aspectos: a relevância da visibilidade no espaço público e a dupla característica da imagem – sua disposição para converter-se em testemunho de verdade e a crescente colonização da imagem pelas culturas hegemônicas.

O que proponho aqui é que a única luta contra a visão hegemônica é a expressão da própria imagem. Que os olhares favoreçam a compreensão de si mesmo e permitam entender quem sou “eu” e quem é “tu”. Que se facilitem as ocasiões de interação social e que se modifiquem os rituais de interação entre os muitos outros que somos todos.